



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES COORDENAÇÃO DOS
CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

YANDRA MARIA RODRIGUES MONTENEGRO

AS MÁSCARAS DAS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE
MARIA FIRMINA DOS REIS

JOÃO PESSOA - PB

2023

YANDRA MARIA RODRIGUES MONTENEGRO

AS MÁSCARAS DAS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE *ÚRSULA*, DE
MARIA FIRMINA DOS REIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Letras, do Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito para obtenção da Licenciatura
plena em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Profa. Dra. Franciane Conceição
da Silva

JOÃO PESSOA- PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M777m Montenegro, Yandra Maria Rodrigues.

As máscaras das personagens femininas no romance
Úrsula, de Maria Firmina dos Reis / Yandra Maria
Rodrigues Montenegro. - João Pessoa, 2023.
38 f.

Orientador: Franciane Conceição da Silva.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2023.

1. Literatura Negra. Maria Firmina dos Reis. 2.
Romance. 3. Reis, Maria Firmina dos. I. Silva,
Franciane Conceição da. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-31

YANDRA MARIA RODRIGUES MONTENEGRO

**AS MÁSCARAS DAS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE ÚRSULA, DE
MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Língua
Portuguesa, da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em
Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Franciane Conceição da
Silva

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva
(Orientadora – UFPB/ DLCV)

Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito
(Examinadora – UFPB/ DLCV)

Profa. Dra. Leyla Thays Brito da Silva
(Examinadora -UFPB/ Dep. Ciências das Religiões)

Prof. Dra. Fabiana Carneiro da Silva
(Suplente – UFPB/DLCV)

JOÃO PESSOA- PB

2023

*Dedico a todas as mulheres, que
possamos ser livres.*

*A mais amada, Mainha, meu
eterno amor e agradecimento.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me permitido finalizar todo esse processo e por me dar forças. Ele sabe a coleção de milagres que precisei para chegar aqui.

Gostaria de agradecer também a minha família, sem vocês com certeza não estaria aqui nesse momento, vocês melhor do que qualquer um sabem como a caminhada foi difícil e o quanto tive que me esforçar para finalizar mais essa etapa da minha vida. Mainha, obrigado por estar ao meu lado nos momentos mais tensos, por me passar sua alegria, por me ensinar que não preciso levar as coisas tão a sério. Painho, obrigada por ser a melhor líder de torcida do mundo! Por me impulsionar e acreditar mais em mim do que eu mesma, por dizer que posso fazer tudo o que me disponho a fazer, então, escolho acreditar. A minha irmã, você é a pessoa mais determinada que conheço, nem imagina quão inspiradora é para mim, mesmo sendo o meu bebê.

Agradeço especialmente a Profa. Franciane, minha orientadora, por todo seu apoio, e por me guiar pelo percurso desse trabalho, sem você ainda estaria perdida no meio de todas as ideias, sem saber por onde começar. Por sua paciência e motivação, o percurso desse trabalho se tornou mais suportável. Desde que a conheci, a vida acadêmica se tornou mais rica, obrigada por todos os textos e autoras/es que me apresentou, e por me ajudar a chegar até o final disso tudo.

Quero agradecer também à banca examinadora, Profa. Dra. Amanda Ramalho e Profa. Dra. Leyla Brito, obrigada pelo tempo, disposição e dedicação para o aprimoramento deste trabalho. Estendo os agradecimentos a todos/as os/as professores/as que fizeram parte da minha caminhada ao longo desses anos.

Por fim, e correndo o risco de não parecer nem um pouco humilde, gostaria de agradecer a mim! Por não desistir, por conseguir ir além todos os dias, por encontrar inspiração para esse trabalho e conseguir finalizar essa etapa da minha vida. Eu nem imaginava o quanto era forte até passar por toda a trajetória acadêmica, nem o quanto meus pensamentos e motivações poderiam mudar. Não, a academia não me define completamente, mas foi uma parte importante para descobrir mais sobre mim mesma e sobre o mundo. Agradeço por todas as memórias e pelo quanto cresci.

*Sou feita de muitos
nós
desobediência e meio- dia
Sou aquela que negou
aquilo
que os outros queriam
Disse não à minha sina
de destino preparado
recusei as ordens escusas
preferi a liberdade
e vivo deste meu lado.*

(Maria Teresa Horta)

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
não aquele que te apraz.
Ele queima sim,
é chama voraz
que derrete o bico de teu pincel
incendiando até às cinzas
O desejo-desenho que fazes de mim.*

*Sim, eu trago o fogo,
o outro,
aquele que me faz,
e que molda a dura pena
de minha escrita.
é este o fogo,
o meu, o que me arde
e cunha a minha face
na letra desenho
do auto-retrato meu.*

(Conceição Evaristo)

RESUMO

Neste trabalho apresentamos uma análise do romance *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, pensando o desenvolvimento da narrativa a partir do processo de construção das personagens femininas, especialmente, Úrsula e Susana, considerando a influência da sociedade misógina, racista e patriarcal na qual ambas as personagens estavam inseridas. Analisaremos ainda a discussão teórica a respeito da temática da escravidão, levando em conta que Úrsula e Susana viviam em uma sociedade escravocrata. É importante ressaltar a observação a respeito da vivência de mulheres, de diferentes contextos raciais e sociais, que lutavam por uma mesma liberdade, ainda que pertencessem a contextos distintos. Aprofundaremos o olhar que se deve ter dessa obra de Maria Firmina dos Reis, devendo ser muito além de um romance, mas em realidade, uma narrativa crítica sobre cativo, estrutura social, o valor da figura feminina, rompendo com alguns enquadramentos temáticos e estruturais abordadas nas produções literárias da época. Para embasar teoricamente as discussões empreendidas, dialogaremos com: Abreu (2013), Akotirene (2019), Duarte (2004), Evaristo (2021), hooks (1995), Kilomba (2019), Saffioti (2004).

Palavras-chave: Literatura Negra; Maria Firmina dos Reis; Personagens Femininas; Romantismo.

ABSTRACT

In this work we present an analysis of the novel *Úrsula* (1859), by Maria Firmina dos Reis, thinking about the development of the narrative based on the process of construction of female characters, especially *Úrsula* and *Susana*, considering the influence of the misogynistic, racist and patriarchal society in which both characters were inserted. We will also analyze the theoretical discussion regarding the theme of slavery, taking into account that *Úrsula* and *Susana* lived in a slave society. It is important to highlight the observation regarding the experience of women, from different racial and social contexts, who fought for the same freedom, even though they belonged to different contexts. We will take a deeper look at this work by Maria Firmina do Reis, which should be much more than a novel, but in reality, a critical narrative about captivity, social structure, the value of the female figure, breaking with some thematic and structural frameworks addressed in the literary productions of the time. To theoretically support the discussions undertaken, we will dialogue with: Abreu (2013), Akotirene (2019), Duarte (2004), Evaristo (2021), Hooks (1995), Kilomba (2019), Saffiote (2004).

Keywords: Literature; Maria Firmina dos Reis; Female Characters; Romanticism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. ESCRAVIDÃO E LITERATURA	15
1.1 Úrsula, uma visão além do romance	18
1.2 Maria Firmina dos Reis, a mente sob as vozes	21
2. VOZES FEMININAS	26
1.3 Úrsula, a primeira voz.	28
1.4 Susana, a segunda voz	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	36
REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

*A voz da minha filha
recolhe todas as vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz da minha filha recolhe em si
a fala e o ato
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz da minha filha
se fará ouvir ressonância
o eco da vida liberdade.*

(CONCEIÇÃO EVARISTO)

A escolha do meu tema de conclusão de curso foi uma luta, não por não saber o que queria, mas por não encontrar a obra que apontasse todos os discursos que flutuavam em minha mente. Eu queria falar sobre mulheres na literatura, queria mostrar a construção feminina tanto por personagens, quanto a vivência da própria autora. E por estar vivendo um período de amor por literatura de época, desejei falar sobre uma mulher que escrevesse naquele período, uma que fosse além de seu tempo, mas como encontrar a certa? Foi então que conversei com a minha orientadora, mais perdida do que no começo do curso, e ela me salvou entendendo o que nem eu mesma conseguia formular direito. Franciane me entregou uma pequena lista de romances que apontavam para o que eu desejava sem saber -Apenas no terceiro conheci Úrsula, Susana e Firmina, minhas três fiéis companheiras de conclusão -. Foi através desse trabalho que percebi como uma análise de personagens pode variar, o quanto às vezes perdemos o que está nas entrelinhas, a luta histórica das mulheres por espaço e o quão longe ainda podemos chegar por liberdade. Acredito que uma das minhas partes favoritas foi perceber que uma mulher usou a literatura para ir contra todo um sistema, contra tudo o que se esperava, Firmina foi apenas ela mesma. Um caso especial, a relação histórica entre negritude, mulher e literatura brasileira.

Falar sobre o romance *Úrsula* é falar sobre o contexto histórico que constrói essa escrita, falar de *Úrsula* é compreender o processo criativo e primoroso na criação de diferentes personagens femininas. Sem compreender o segmento histórico da obra, e até mesmo o período em que Maria Firmina dos Reis escreveu e publicou o romance, é impossível perceber o quão transgressora cada linha dessa narrativa tinha a intenção de ser. Maria Firmina escreveu uma história inovadora para sua época, onde as personagens negras fugiam completamente de alguns estereótipos reproduzidos pela literatura canônica, produzindo dessa forma uma escrita com

comprometimento ético, político e estético, inaugurando em *Úrsula* a legitimidade dos personagens negros enquanto sujeitos, além de finalmente designar às figuras femininas uma voz ativa e um pensamento crítico transgressor.

Úrsula (1859), é um romance que narra a história de amor entre Úrsula – Personagem principal – e Tancredo, tendo como temática de fundo o período da escravidão no Brasil. O principal destaque do romance é encenar o período da escravidão sob a perspectiva dos negros, tendo os sujeitos escravizados uma voz mais ativa no enredo, onde seus pensamentos, valores e ideias pudessem ser ouvidos, e abandonassem a identidade objetificada que tanto foi disseminada nos romances de mesma temática e época. Nessa perspectiva, destaca-se no romance a voz da personagem “Mãe Susana”, uma mulher negra e escravizada que divide seu discurso entre a recuperação de suas memórias em África e a situação presente onde se encontra escravizada no território brasileiro.

O romance *Úrsula* é fiel ao perfil idealista da autora Maria Firmina dos Reis, onde sua ficção tem como palco denúncias quanto às injustiças vivenciadas pelas mulheres e pelos escravizados no século XIX, à sua maneira, a escritora trouxe à luz de maneira ficcional questões que tratam sobre ética e a percepção de humanidade – No caso do romance estudado, o laço de parceria entre personagens brancos e negros. Principalmente, tendo em vista a relação das personagens femininas estudadas neste trabalho, a importância que uma encontra na outra, mesmo quando é suposto à época que a raça e a classe social, de algum modo, determinassem que as duas personagens vivessem em universos distintos.

É impossível não contemplar o crescimento e a força das personagens desse romance, no instante que se reflete a ideia solidificada de como as mulheres eram pautadas no século XIX. As mulheres desse período deveriam viver em condições reclusas, sem acesso à educação formal ou a vida cultural e literária do país, apenas nas últimas duas décadas desse século, afirma Louro (1997), foi que se viu a necessidade de educação da mulher para aliar-se ao projeto de modernização da sociedade, contudo, o tipo de educação designada às mulheres, sempre foi diferente. Afinal, o patriarcado e seus princípios deviam ser mantidos, a figura feminina era subjugada pelos homens inclusive na sua capacidade criativa, ainda mais profundamente quando sua educação consistia no simples objetivo de que era necessário preparar as mulheres para serem mães e esposas subservientes, com o único objetivo de agradar e servir aos homens. É importante ressaltar que essa perspectiva abarca a experiência de mulheres brancas e com alguma posição na sociedade, quando avaliamos a experiência de mulheres negras, elas possuíam ainda menos oportunidade e reconhecimento como parte daquela sociedade, para

muitas dessas mulheres só restava a negligência, a violência e o esquecimento, enquanto tentavam sobreviver.

Então, escrever sobre mulheres que tinham voz, posição e respeito entre os seus, ainda mais, que elas ousavam sonhar e planejar cursos para tomar a tão sonhada liberdade, é transgressor, desafiador, e completamente a frente de seu tempo. Falar sobre essas personas femininas é enaltecer um trabalho que foi tecido e recortado com base em experiências reais vividas por mulheres que nunca tiveram oportunidade de usar suas vozes. Quantas Úrsulas existiram, ou ainda andam pelas ruas com dores parecidas? Quantas Suzanas viveram e morreram em senzalas (inclusive nas senzalas modernas) sem que suas histórias pudessem ser conhecidas? E na intenção de compreender as posições de ambas as personagens, sem excluir pormenores, e entendendo que ambas possuem posições e bagagens completamente distintas, pretende-se fazer uma melhor observação e análise, considerando os eventos e a individualidade de cada uma, presente no romance, levando em consideração mais do que uma interpretação primária da obra. Para melhor trabalhar e compreender as distinções das personagens, nos baseamos no trabalho da intelectual negra Carla Akotirene, *O que é Interseccionalidade?* (2019), onde ela aborda as distinções e a melhor maneira de observar as composições femininas, sem uma visão tendenciosa da mulher negra e do seu posicionamento, “a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” (AKOTIRENE, 2019, p. 19). Como mulheres negras foram esquecidas mesmo em um movimento que visa a luta das mulheres como um todo, dando-lhes uma visão generalizada que tende a não lhes apontar como indivíduo.

Identificando que o romance *Úrsula* vai além de uma narrativa de amor trágico. Portanto, nessa análise se pretende destacar a sociedade da época em que o romance foi escrito, sua trajetória histórica e política, entendendo a formação cultural e literária pode-se observar adequadamente todos os impactos dessa obra. Por isso, o trabalho apontará, a temática da escravidão no âmbito histórico, como foi trabalhada nas obras literárias do período e como as personas analisadas nesse trabalho se encaixavam na sociedade. Destacando-se também o trabalho e a pessoa de Maria Firmina dos Reis, uma mulher que atuava em defesa da educação pública e feminina e na luta antiescravagista no século XIX, e que mesmo com o apagamento de séculos produziu uma obra que impacta até os dias atuais e que foi além de seu tempo. Segundo Constância Duarte “a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX” (DUARTE,

2017, p. 14) e grande parte das publicações traziam como uma das principais pautas a reivindicação dos direitos das mulheres, sobretudo, do direito à educação e ao sufrágio. Firmina foi uma dessas primeiras vozes.

Neste trabalho, as personagens femininas serão estudadas no profundo de suas características físicas e subjetivas, abordando os seus pontos de colisão, onde elas se diferenciam na sua construção. E apresentando aspectos de conexão e transformação que foram pontuados durante a obra, destacando o conceito de luta feminina e representatividade presente em todo o romance *Úrsula*, onde a voz dos escondidos e esquecidos começou a ecoar.

1. ESCRAVIDÃO E LITERATURA

O período de escravidão no Brasil durou cerca de 350 anos, desde os primeiros registros dos africanos escravizados no início do século XVI, até a abolição oficial em 1888. O fluxo da história acompanha os primeiros africanos que chegaram ao Brasil sequestrados de seus países pelos colonizadores portugueses, no início os povos indígenas também foram usados como força de trabalho escravizada, porém devido à alta taxa de mortalidade pela exposição às doenças europeias e ao trabalho forçado, acabou resultando na importação de mais escravizados da África.¹

No acompanhamento histórico, durante os séculos XVI e XVII, a escravidão africana se expandiu rapidamente pelo Brasil, especialmente pela necessidade de mão de obra nos campos de produção de açúcar, tabaco, ouro e diamantes, os africanos continuaram sendo trazidos em grandes números por meio de transatlânticos de escravos. O historiador Thomas Skidmore também relata em seu trabalho que os escravizados africanos, não aceitavam a escravização e a violência direcionadas a eles de maneira passiva. A história da escravização africana no Brasil é marcada pela resistência e luta dos africanos. A abolição do tráfico de escravizados só veio ocorrer no ano de 1850, o Brasil passou a proibir o transatlântico de africanos, encerrando a importação de mão de obra escravizada, porém, a escravidão continuou em todo o país por mais algumas décadas, vindo a ser completamente abolida apenas em maio de 1888, com a assinatura da Lei Aurea pela princesa Isabel. Essa lei declarou que todos os escravos do Brasil eram livres, no entanto, a assinatura dessa lei não veio acompanhada de nenhuma integração social e econômica para os ex-escravizados o que resultou em desigualdades persistentes que permeiam a sociedade até os dias atuais.

Portanto, a escravidão no Brasil durou cerca de três séculos e meio, tendo um impacto profundo na formação da sociedade e na história do país. Então é compreensível que a escravidão fosse um tema importante, mas havia uma falta significativa de vozes literárias que abordassem diretamente esse tema, especialmente no Brasil do século XVII, onde a exploração foi uma parte central da economia e da sociedade. Embora, existam obras literárias e documentos históricos que abordem através de *insights* ao cativeiro durante esse período, se tratava apenas de trechos, breves alusões à escravidão e à exploração, nunca sendo temas centrais em obras. A escravização ainda era retratada de uma maneira menos crítica.

¹ SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In.: SCHWARTZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 219.

A produção literária sobre escravidão no Brasil só ganhou algum ponto participativo séculos depois, especialmente no século XIX, quando autores como Machado de Assis, Castro Alves, passaram a escrever sobre o tema de uma maneira mais explícita e crítica. Porém, em suas obras ainda havia uma necessidade de se manter nos parâmetros esperados para obras literárias do período, específicos para os/as leitores/as da época, então, mesmo em obras que deveriam acenar claramente para um período tão importante da história brasileira, ainda era perceptível a lacuna que existia na Literatura Brasileira de XIX, a escravidão, não porque não existissem realmente obras que apontassem sobre os horrores e as injustiças desse período, mas porque obras como essas foram retiradas do cânone, esquecidas nas estantes.

O romance do século XIX oferece um autorretrato da sociedade onde foi escrito e lido, reproduzindo, na representação literária, as barreiras hierárquicas que caracterizavam a realidade social. Não gerou nenhuma forma de transgressão (REIS, *The pearl Necklace*, 1992, p 50-52)

É pouco compreensível essa ausência tão latente, principalmente quando o Brasil foi conhecido como uma das maiores economias escravistas, então, por que as circunstâncias humanas inerentes da escravidão simplesmente não aparecem com a devida importância e destaque que merecem?

A questão é que realmente foram produzidas obras que abordam o tema. Romances, contos, poesias, obras que realmente enfrentaram a máscara cruel e dolorosa dessa parte da história, seus paradoxos, dilemas e horrores, porém, assim como antes do período da abolição, essas obras não pertenciam ao sistema, elas deveriam ser esquecidas.

Então, no período entre 1888 e 1933, existe um vácuo no discurso intelectual brasileiro, um processo enquanto concepção da elite brasileira, de que escravidão, no que diz respeito a Brasil, pode ser abordada como raça e mestiçagem, sem o aprofundamento do que realmente ocorria na vivência, na realidade do cativo de um povo. O processo tinha como objetivo negar a contribuição africana ao Brasil, a existência dos afro-brasileiros era vista como uma “antítese do progresso”, era uma influência degradante. Enquanto os discursos consistiam em liberdade e disciplina durante 1888, no século XX passaram a falar sobre degeneração, incapacidade mental e imoralidade. Ou seja, os afro-brasileiros eram representados como pobres, ignorantes e doentes, não por serem explorados e brutalizados por 350 anos, sendo por fim libertos e deixados à própria sorte, mas sim, para os ditos intelectuais, por uma questão de inferioridade racial. E a literatura da época é o reflexo e sintoma desse processo, por meio da

canonização de obras específicas e do esquecimento daquelas que não se encaixavam no esperado.

Contudo, enquanto a literatura canônica representa um papel de ausência total, negando a existência de obras que se conectem diretamente com os dilemas da escravidão, existe todo um plano subterrâneo, que tinha o intuito de ser apagado durante mais de um século, composto por romances, peças, contos e folhetins onde se ousou desafiar e problematizar, fazendo-se ouvir aos que não eram ouvidos. A romancista Toni Morrison, ganhadora do prêmio Nobel de Literatura, apresenta em seu ensaio *Coisas indizíveis não-ditas*, que o invisível não está necessariamente ausente; uma lacuna pode estar vazia, mas não é um vácuo. Certas ausências são tão enfatizadas, tão ornamentadas, tão planejadas que chamam a atenção. A grande pergunta não é nem porque o negro está ausente da literatura, mas, muito mais interessante, que malabarismos intelectuais tiveram que ser feitos para excluir da literatura uma instituição (a escravidão) e um ator (o negro) tão fundamentais para a sociedade onde essa literatura foi produzida.

A literatura acabou tendo um papel importante de autoafirmação da identidade nacional, em toda a América Latina, o objetivo era construir uma nova história para os nascentes nacionais, então os autores do século XIX produziram um novo tipo de romance. Essas obras de romance mostravam uma forma idealizada da vida local, dos interesses ideológicos das elites nacionais, com enredos românticos, açucarados e simplistas, no intuito de fortalecer o pós-independência. Grande parte dessas ficções era escrita como literatura de aventura ou romântica, histórias de folhetim e escapistas, vendendo entretenimento. Se tratava de um processo de construção nacional realizado pelas elites locais, com um profundo significado simbólico, social e político, não é surpreendente saber que grande parte dessas obras se tornou parte do cânone literário. A centralidade do debate sobre a composição do povo brasileiro, embasado em um esforço de construção de um passado idílico tão concreto quanto as imagens mentais dos leitores/as dessas obras, permite compreender a conexão entre a literatura e a construção nacional, ao ponto de tomar o indianismo como “para-ideologia dentro do nacionalismo” (BOSI, 1981, p. 108).

O ponto não consistia em qualquer crítica à realidade, ou debate de projetos alternativos, seu principal valor era de neutralidade, um projeto pacificador, a ideia que se fazia de nação, “essa literatura era representativa de um sistema social, o escravismo, e somente a partir da compreensão desse fato poderemos analisar em profundidade o seu conteúdo e a sua função” (MOURA, 2019, p. 53). Mas nesse fluxo apareceram os que fugiram a regra, produzindo

romances que tinham a visão mais crítica da realidade. Porém, como esse tipo de discussão e visão não interessava ao projeto pacificador e neutro, essas obras não entraram no cânone, foram colocadas nas fileiras de trás da literatura, até serem encontradas e renascidas por sua voz ativa, crítica e realista do pensamento e valores reais das pessoas da época, entre essas obras, está o material de estudo desse trabalho.

Úrsula, um romance de Maria Firmina dos Reis, pode não ser uma obra que trata especificamente sobre a escravidão, porém é um romance que apresenta os escravizados como seres humanos, com pensamento e autonomia, mais do que qualquer romance canônico, e depois de séculos de esquecimento, apagamento e insignificância de sua imagem, é com triunfo que se pode ler as linhas de pensamento e voz dos escravizados como personas, principalmente quando são pensados e produzidos pela mente e mão de uma mulher negra.

Escrever sobre a população negra como figuras importantes de uma obra, cheia de sentimentos, humanidade, individualidade e subjetividade, significava colocar em pauta discussões sobre a própria fundação da sociedade brasileira escravista. Era polêmico e o mesmo que remar contra a maré dos ditames intelectuais, porque não se desejava ouvir sobre violência, trabalho e pobreza, não se desejava dar às figuras subalternas daquela sociedade uma imagem, eles deveriam continuar sendo moldados e silenciados de acordo com os valores da classe senhorial branca, afinal, eles eram os únicos que deviam ser autores e leitores na época.

1.1 *Úrsula*, uma visão além do romance

No ano de 1859, *Úrsula* foi publicado pela autora Maria Firmina dos Reis, tendo destaque como primeiro livro de autoria feminina da época na América latina (Embora ainda haja controversas quanto a este fato), sendo lançado sob o pseudônimo “Uma Maranhense”, se tornou o livro mais conhecido da autora, mesmo tendo sido publicado numa época conturbada onde a sociedade ainda lutava com as sombras da escravidão. Essa história foi pioneira em diversos aspectos, mas o principal deles foi no posicionamento contundente como antiescravagista, antes mesmo de muitas outras obras que abordaram o tema e se tornaram referências literárias e teóricas, Firmina sofreu um apagamento longo, antes de se destacar e passar finalmente a ser mencionado em círculos intelectuais, o tempo de gerações.

Para que o romance *Úrsula* seja lido da maneira adequada, se faz necessário uma visão, mais detalhada, profunda e analítica dos eventos, pensamentos e falas que se desenvolvem em

toda a narrativa, assim como uma visão mais completa do panorama dos momentos culturais em que a obra foi publicada, numa mistura de romantismo gótico e princípios da literatura nacional brasileira. Na primeira tela, o romance segue à risca o que se propunha o romance convencional, os traços e a dinâmica que se esperava de uma produção romântica que se propunha a acompanhar o desenho daquele estilo literário. Contudo, quanto ao segundo quadro, a voz de Maria Firmina ecoou no controverso, no revolucionário e rebelde.

O romance narra a história de amor entre a jovem Úrsula e o jovem Tancredo – Seguindo a temática mais comum da época – sendo uma linha tão convencional que todos os clichês românticos, os princípios do romantismo, podem ser identificados facilmente, num fluxo previsto de todo o aspecto gótico: A mocinha enlouquece? Todos morrem no final? Basicamente, uma estreia de romantismo literário estelar. Mas a autora trouxe figuras tão marcantes em seu papel secundário, com dramas, reflexões e percalços que acabou muito mais do que narrando uma história de amor jovem e trágico, humanizando os seres escravizados, lhes dando persona suficiente para que estes por si fossem foco na narrativa e despertassem no/na leitor/a uma sensação desconfortável trazida da percepção da dor, crueldade e opressão

“É horrível lembrar que criaturas humanas tratem os seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos.” (REIS, 2018, p.103)

É um fato que a literatura brasileira de meados do século XIX replicava as convenções do romantismo europeu, porém, Úrsula não pode ser visto como um representativo opaco do romantismo gótico, não apenas por ser um romance pioneiro escrito por uma mulher negra e nordestina, mas também, e principalmente por ser uma obra que removidas as camadas do convencional e previsto romantismo, ele finalmente representou as pessoas negras e escravizadas com humanidade, empatia, subjetividade, quando surpreendentemente isso não existia na literatura brasileira.

Nossa literatura, apesar de ser fruto de um país onde a escravidão era o fato econômico e político mais forte e presente na vida cotidiana, ainda possuía uma sociedade engessada que simplesmente nunca refletia sobre os dramas enraizados no sistema escravista. As pessoas negras e escravizadas não eram retratadas como personagens realizados, nem mesmo em camadas pobres e urbanas, onde seria plausível e esperado que aparecessem.

Portanto, a leitura de *Úrsula* com toda a sua representação dos personagens escravizados com pensamentos e vozes – perdendo a objetificação que caracterizava os personagens negros quando abordados na literatura da época – Túlio, Suzanna e Antenor apareceram lado a lado

com pessoas livres - Tancredo, Luiza, Comendador - de uma maneira tão natural e esperada, que quase podemos supor que aquilo era uma retratação comum na literatura. Entretanto, depois de discorrer e analisar como a literatura da época era pautada, todos os malabarismos feitos pelos autores para que os horrores e verdades da escravidão permanecessem escondidos de suas obras, podemos visualizar o romance *Úrsula* de uma maneira completamente distinta, porque todas as vezes que a voz narrativa passa a ser de Susana, Túlio ou Antenor compreendemos que regras claras, importantes e não escritas da literatura foram quebradas.

Não uma coincidência que o romance só tenha vindo a ser efetivamente canonizado no final do século XX, onde passou a ser saudado como a obra que inaugura a literatura afro-brasileira. Antes disso ele era um fantasma da literatura, não havia como lê-lo, classificá-lo ou mesmo onde inseri-lo. Foi necessário que a sociedade mudasse completamente seu foco, suas prioridades, valores e crenças – Embora ainda exista muito a ser avançado nesse ponto e em tantos outros – para que o romance se tornasse compreensível em todas as suas nuances, sendo mais do que um conto de amor romântico.

Então, que *Úrsula* seja visto como dois romances em um. O primeiro, a imagem geral e pública, um romance romântico com todos os traços convencionais possíveis a uma história de amor entre o mocinho e a mocinha – Que quase seguiam completamente os padrões convencionais, se for colocado a parte todos os toques de pensamentos revolucionários e de abolição, que embora sutis já eram um destaque para as obras da época – porém suas características ainda eram absolutamente comuns, como incontáveis outros, eles lutavam contra um vilão, tão cruel que não existe nada nele próximo a um traço redentor, o homem como tantos outros vilões produzidos na linha de montagem do romantismo. Basicamente, um romance que poderia ser usado como ponto de referência para romance romântico na época, sem grandes pontos de distinção. Parando aqui, esse era o romance que era possível escrever, ler e publicar no Maranhão de 1859.

Contudo, nessa obra existe o segundo romance, a história de Susana, uma mulher negra casada, livre, com filhos, que foi arrancada de sua terra e teve sua vida roubada. É por meio dela que o primeiro romance se torna algo mais, que a personagem dita como principal se torna mais incisiva, que desperta em mais opiniões. Suzanna não é representada como “coitadinha”, o que também pode ser uma representação estereotipada de personagens negras, a voz narrativa a descreve sem condescendência. Ela é descrita como uma mulher de espírito e mente fortes, suas opiniões são contundentes, e ela não acredita em palavras bonitas ditas por senhores de

escravizados, por exemplo, para ela, Túlio seguir Tancredo mesmo depois de liberto é o mesmo que continuar escravo.

Esse romance no Brasil de 1859 era revolucionário, subversivo, desafiador e transgressor, ou seja, uma obra impossível de se publicar, se não estivesse encoberto sobre grandes quantidades de páginas de convencional narrativa romântica. Então, podemos ver o romance principal como uma fantasia para transmitir uma novela, um conto sobre escravidão e transgressão. Nesse romance, o amor de Úrsula e Tancredo é apenas um portal para tudo que se tem a mais, para voz que se deu ao escravizado, para a voz que se deu a mulher, é visualizar as verdades profundas daquele Brasil, da escravidão, da sociedade e até de si mesmo quando se reflete todas as lições de Suzanna e Túlio. Analisa-se que nessa literatura existe “transformação da certeza subjetiva que tenho do meu próprio valor em verdade objetiva universalmente válida” (FANON, 2008, p. 228) ou mesmo o esforço destacado para que isso ocorra com fluidez no texto. Esse é um romance mascarado, o disfarce de um romance transgressor. Logo restam as perguntas: Quão proposital foi tudo isso? Todo desafio foi previsto pela autora quando mascarou um romance subversivo e transgressor sob a imagem de um clichê romântico, ou ela apenas escreveu o melhor romance que conseguiu, e ele, por acaso revelou sua subversidade e opiniões literárias quando optou por ouvir e fazer ecoar a voz dos personagens considerados coadjuvantes?

1.2 Maria Firmina dos Reis, a mente sob as vozes

Maria Firmina dos Reis (1822-1917) um importante nome na Literatura Brasileira, provavelmente a primeira mulher a publicar um romance na América Latina. A voz responsável por inaugurar o romance abolicionista no Brasil, com denúncias e indignação contra os maus tratos sofridos pela população escravizada, a primeira autora a acreditar que os negros escravizados deveriam ter papéis reais em obras literárias, deveriam ter pensamentos e vontades, deveriam ser descritos como todos os outros personagens eram trabalhados, não como parte do papel de parede numa descrição precisa, não mais objetificação, a humanidade das pessoas negras deveria sangrar por cada página escrita. Então, seu papel era essencial na luta pela libertação do povo negro, em diversos aspectos.

Nascida em 11 de março de 1822, na Ilha de São Luís, no Maranhão. Sua mãe, Leonor Filipa dos Reis, uma mulher branca. Maria Firmina dos Reis foi registrada apenas 3 anos após

o seu nascimento, em 1825, e em seu documento João Pedro Esteves assinou como seu pai. A menina acabou sendo criada por uma irmã de sua mãe, que possuía melhores condições financeiras, por essa razão, teve como estudar e desde cedo ter contato com a literatura.

Acompanhando a trajetória da autora, se sabe que Maria Firmina foi professora, passando em um concurso público para preencher o cargo de docente no ensino primário da cidade de Guimarães no Maranhão, o fato ocorreu quando ela tinha 25 anos, em 1847. Além disso, ainda no final dos anos 1880, ela funda uma escola para meninos e meninas na cidade de Maçaricó (MA) essa instituição tentou mudar a linha pedagógica, com um ensino mais humano e inclusivo, uma das pioneiras do país (MORAES FILHO, 1975) mas durou apenas dois anos, ainda assim foi um evento transgressor e marcante, oferecer educação a meninas, que naquele período não estudavam e quando o faziam era um ensino voltado a técnicas de cuidado sem romper com o que eram obrigações do gênero, destinando as mulheres apenas a redução de espaços privados, uma premissa que era muito pautada nos ensinamentos dispostos pela religião, na época o catolicismo. Maria Firmina dedicou grande parte de sua vida e esforços à educação, acreditando que era um direito de todos, chegou a se encarregar da educação de várias crianças, entre elas filhos de escravizados/as.

Maria Firmina não tinha nada da imagem genérica que a sociedade alimentava do que seria uma mulher instruída na época, ela não era burguesa, rica e nem branca, não vivia no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, ou em sua biblioteca só se encontravam romances românticos e revistas francesas, que flutuava pelos salões de baile da alta sociedade da época. A autora de *Úrsula* era completamente distinta dessa pintura distorcida e idealizada da mulher perfeita, do papel que a sociedade designava a mulher, ela optou por alcançar mais e ser ouvida. Maria Firmina teve o melhor da educação que era oferecida para as mulheres daquela sociedade, o que significa que sua convivência foi majoritariamente composta por mulheres, tendo uma infância muito restrita, se pode definir sua educação como a mesma que se dispunha em um convento, ou seja, voltada para a religião e com interações apenas com outras mulheres, toda a cena seguindo os padrões designados pelo patriarcado,

De uma compleição débil e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha vó cultivava com esmero; talvez por isso eu tanto amei as flores; foram elas o meu primeiro amor. Minha irmã...minha terna irmã/a, e uma prima querida, foram as minhas únicas amigas de infância; e nos seus seios eu derramava meus melancólicos e infantis queixumes; porventura sem causa, mas já bem profundos. [...] Vida!...Vida, bem penosa e tens sido qual a minha alma tem voador infinitos espaços, e este desejo insondável, e jamais satisfeito, afagado, e jamais

saciado, indefinível, quase que misterioso, é, pois sem dúvida, o objeto único de meus pesares infantis e de minhas mágoas. Eu não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas e dias inteiros que aborreço a mim própria. (MORAIS FILHO, 1975, p. 154-155)

Provavelmente, muito por esse anseio por mais liberdade que a autora encontrou voz e força na sua escrita, na passagem dos seus pensamentos e anseios para as palavras ditas por vozes que naquele período eram silenciadas mesmo na literatura, talvez porque Maria Firmina era parte integrante dos dois grupos mais apagados e desfavorecidos daquela sociedade como mulher negra, assim sua literatura não vinha forçada ou pautada num processo de ficção, foram partes dela própria que construíram as mulheres da obra *Úrsula*. Seu trabalho teve tanta importância que tornou a autora uma figura de destaque na literatura maranhense, com contos, poesias, ensaios e outros textos publicados por jornais da época e antologias literárias. Sua rica trajetória fez com que ela passasse de professora concursada a dona de escola, além de uma autora transgressora e tenaz, uma perfeita cidadã atuante, lutando tanto pela abolição quanto pelas causas educacionais. Menezes cita Maria Firmina dos Reis no *Dicionário Literário Brasileiro* em sua segunda edição, publicada em 1978, conforme trecho abaixo:

Reis (Maria Firmina dos) – N. em São Luís (MA), a 11 de outubro de 1825, filha de João Esteves e D. Felipa dos Reis. Dedicando-se ao magistério, regiu a cadeira de Primeiras Letras de S. José de Guimarães (interior do Maranhão) desde agosto de 1847 a março de 1881, quando se aposentou. Em 1880 fundou uma aula mista, escandalizando os círculos locais, em Maçarico, termo de Guimarães, cujo ensino era gratuito para quase todos os alunos e por isso foi a professora obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio. Cultivou a poesia, e tanto em prosa como em verso, escreveu algumas obras. É considerada em seu Estado a primeira mulher a escrever romances no Brasil. Seu romance *Úrsula* foi descoberto em 1962 por Horácio de Almeida numa casa de livros usados do Rio de Janeiro. Chamou a atenção do pesquisador porque, no lugar do nome do autor, estava assinado Uma Maranhense (...) (MENEZES, 1978, p. 570-571).

Em 1859, Maria Firmina publicou *Úrsula* como seu primeiro romance, apenas um pouco mais tarde foi-se dado o devido reconhecimento da obra como um romance abolicionista, porém se deve ressaltar que todas as suas obras eram compostas por reflexões de temas que deveriam ser debates sociais da época. Por exemplo, o seu conto “Gupeva”, publicado por jornais em 1861, abordava a temática indianista, depois disso, no conto “A Escrava”, publicado em 1887, a autora volta a abordar a temática da abolição. Contudo, ainda reconhecendo que a autora foi uma pioneira no debate abolicionista, que seus trabalhos tinham fortes temáticas para construção de pensamentos críticos, Maria Firmina foi apagada e esquecida durante o contexto literário em que produziu suas maiores obras, “uma espessa cortina de silêncio envolveu a autora ao longo de mais de um século” (DUARTE, 2004, p. 26). Apenas em 1962, quando foi encontrada por Horácio de Almeida e republicada por José Nascimento de Moraes Filho em

1975, que sua obra passa a ser considerada o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher, uma mulher negra, importante ressaltar, na Literatura Brasileira, e somente em 2000 que a autora passa a fazer parte da *Antologia de Escritoras Brasileiras do século XIX*, escrita por Zahidé Muzart. Ou seja, se passou o período de mais de um século até que Maria Firmina dos Reis tivesse seu trabalho reconhecido pela crítica intelectual, sendo valorizado pelo seu caráter transgressor e inovador, podendo enfim ser lido e conhecido por uma maior parte da sociedade. Todas essas características podem ser percebidas a partir do prólogo do seu próprio romance, onde ela deixa claro que sabe as ideias e críticas que poderiam lhe apontar, mas que nada disso a impediria de apresentar a obra a que se propôs:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução miseríssima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p.25)

Maria Firmina dos Reis não vinha de um local favorecido na sociedade, ela falava do ponto de vista de uma mulher, negra e nordestina, nada a tornava viabilizada ou favorecida pelo cânone brasileiro da época, além de tudo ela falava sobre escravidão de uma maneira incisiva e deveras realista, nada em sua narrativa era marcado pelo discurso distante e destoante que a literatura canônica usava para representar os negros, assim seus “processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral” (EVARISTO, 2021, p. 20).

Desse modo, não há razão para supor que *Úrsula* se trate de um romance convencional, que por um acaso, devido a pequenos traços de apresentação dos personagens coadjuvantes, acabou se tornando subversivo, não se pode cometer esse erro quando se lê a obra realmente, e principalmente pelo contexto de vida da autora, nesse ponto se confirma que essa obra se trata de um romance revolucionário, mascarado de romance convencional, onde todos os toques característicos do romantismo da época foram usados com o propósito de tornar a obra acessível, então seria tarde demais quando se percebesse os valores, opiniões e pensamentos revolucionários e críticos entrelaçados na trama dos jovens amantes, um testemunho do talento e da capacidade mimética da autora.

2. VOZES FEMININAS

*“Canta, poeta, a liberdade, - canta.
Que fora o mundo sem fanal tão grato...
Anjo baixado da celeste altura,
Que espanca as trevas deste mundo ingrato.
Oh! sim, poeta, liberdade e glória
Toma por timbre, e viverás na história.”*
(MARIA FIRMINA DOS REIS)

Como já mencionado neste trabalho, falar sobre a obra *Úrsula* é ir além de uma história de amor trágica, ou dos maneirismos do romantismo que aparecem no desenvolvimento da obra, o enredo desse romance tem representações muito fortes e vívidas dos contextos sociais do Brasil Império, e trata em linhas gerais, do que foi a miséria e exploração humana do período escravagista, além disso em sua obra Maria Firmina dos Reis ressalta como o homem branco ocupava uma posição hierárquica privilegiada dentro daquela realidade escravista do Brasil e usava de todo esse poder para cometer abusos sobre os que estavam sob o seu comando, fossem esses, cônjuges, filhas ou escravizados/as. E é com base nessa compreensão e ligamento, que se pode enxergar o personagem Fernando P., ele representa em cada pequeno termo simbólico a elite senhorial do Império, onde os outros, o mundo no geral, possuíam apenas o papel de realizadores de suas vontades, e ele contava, inclusive com a legitimidade religiosa. Seu papel ativo na reprodução de práticas de violência física a pessoas negras escravizadas, ao mesmo tempo em que se impõem às pessoas brancas por intermédio de seu poder econômico e político está aparente em trechos do romance como:

Fernando combatia há dezoito anos o poder desse amor fraterno, e seu orgulho conseguiu, por algum tempo, o que o coração repugnava, o que a razão e a inteligência condenavam, e o que ele sentia dolorosamente; porque só nesse afeto lhe estava a ventura de toda a sua vida. E para vencer-se, obstinadamente evitava a vista de sua irmã, a que não poderia resistir, para bem saciar a sua vingança, para bem flagelar-se, flagelando-a na sua desgraça. Fernando tinha vivido solitário, e desesperado com essa luta terrível do coração com o orgulho: e esses desgostos íntimos, que ele próprio forjava, o tinham embrutecido, e tanto lhe afearam a moral, que era odiado, e temido de quantos o praticavam ou conheciam de nome. Ele tornara-se odioso e temível aos seus escravos: nunca fora benigno e generoso para com eles; porém o ódio, e o amor, que lhe torturavam de contínuo, fizeram-no uma fera – um celerado. Nunca mais cansou de duplicar rigores às pobres criaturas, que eram seus escravos! Apraziam-lhe

os sofrimentos destes; porque ele também sofria. Eis aí pois a alma implacável na maldade do irmão de Luísa (REIS, 2018, p. 85-86).

Basicamente, é o patriarcado e o sistema escravagista que permitem ao vilão a liberdade para cada pequena ação tomada na narrativa. As mulheres e as pessoas escravizadas estão o tempo inteiro sujeitas a essa autoridade incontestável, lhes restando apenas estratégias de sobrevivência, como um ciclo vicioso de obedecer, apaziguar e fugir, só para perceber que nada disso funciona. O amargo resultado é que o patriarcado escravista consome e destrói todas as suas vítimas, só para ser consumido em si mesmo.

Úrsula narra uma história de amor entre o mancebo Tancredo e a donzela Úrsula, filha de Luíza B. O enredo inicia-se com o jovem Tancredo viajando sem rumo e com decidida tristeza por causa de um amor não correspondido. Perdido nas suas amarguras de vida, Tancredo cai de seu cavalo e fere-se gravemente. Conhecemos nesse momento um dos personagens-chave para a história, o jovem Túlio, escravo de Luíza B., homem virtuoso e compassivo, que salva Tancredo de seu fatal acidente. Túlio leva o mancebo para a residência de Luíza B., mulher doente e parálitica que necessita de constantes cuidados de sua filha. Com a chegada de Tancredo a casa, Úrsula divide-se em cuidados com sua mãe e o cavaleiro, por quem começa a sentir um amor verdadeiro e puro. Ao recuperar-se, Tancredo alforria o jovem escravo que o salvou e apaixona-se também ele por Úrsula. O amor que nasce entre os dois jovens é um amor idealizado e quase platônico, um amor em que prevalece a pureza da alma e não a satisfação da carne (ABREU, 2013, p. 118). Porém, esse amor é colocado em xeque quando o Comendador conhece a moça e se apaixona completamente, jurando tê-la de qualquer maneira, não importando os tipos de métodos que tivesse que recorrer para chegar ao seu objetivo, o que se prova real quando se segue com a narrativa. A sequência de eventos é fatídica e angustiante no seu curso, porque *Úrsula* não pode ser descrito como um romance leve, se trata de uma obra com altos e baixos derradeiros de desilusão e luta constante por formas de liberdade.

Contudo, é importante que a obra seja vista por todas as suas mensagens – E não pelo fim da narrativa -, que permaneça como um movimento de luta e um grito de denúncia de todas as injustiças praticadas livremente em uma sociedade escravocrata e patriarcal, e que se ressalte a voz das personagens femininas, suas posições, opiniões e como se construíram na busca do que sonhavam, da liberdade.

As personagens femininas descritas e criadas por Firmina foram inspiradas na observação de distintas camadas da sociedade do Brasil Império. A mulher branca e pobre, e a mulher negra e escravizada, dando destaque às vozes dessas mulheres a autora construiu uma

importante reflexão sobre as condições vividas pelas mulheres daquele tempo, como seu percurso de vida era alvo constante do controle masculino. A imagem de uma sociedade, fadidamente, organizada dentro de uma lógica autoritária e racista.

A presença das figuras femininas na obra é marcante e emocionante. Sendo as principais presenças: Úrsula, Mãe Susana, Luiza B. e Adelaide. A opção estética da autora foi que o fluxo da narrativa seguisse em terceira pessoa, e numa tendência à linguagem poética, por optar por essa técnica, unindo diversas narrativas em um único fluxo de história, a autora teve a oportunidade de oferecer ao leitor e a leitora, o ponto de vista em primeira pessoa de todos os personagens, assim dando a oportunidade de fala para mulheres e escravizados, mais uma característica de destaque em seu trabalho. Em *Úrsula*, os excluídos e objetificados da sociedade puderam ter voz e escuta, sendo finalmente colocados/as como sujeitos ativos/as, ao terem a oportunidade de partilhar com as/os leitores/as seus testemunhos, memórias e sentimentos. As personagens femininas de Maria Firmina são marcadas por uma subjetividade trabalhada. A autora dedica um capítulo a cada uma delas, todas trazem suas memórias, falas e pontos de vistas, o que aponta que há uma “inovação existente no tratamento do tema consiste no desenho da mulher proposto pela imagem literária das personagens femininas que, mesmo submetidas à subalternidade, superam as imposições culturais” (NASCIMENTO, 2009, p. 75).

A obra contém 22 partes, contando com prólogo e epílogo. O romance conta a história da personagem que nomeia o romance e sua história de amor trágico com o jovem cavalheiro Tancredo. E nesse trabalho se fará uma análise das personagens Úrsula e Mãe Susana, como duas vozes e visões da obra, duas mulheres que tem suas vidas cruzadas e ligadas. A primeira, da jovem dama, branca, parte da elite senhorial da época e supostamente livre. A segunda, uma mulher negra, velha e, objetivamente escravizada. Ambas em sua própria caminhada em busca de um mesmo destino, numa literatura que denuncia as questões silenciadas. Assim, como aponta José Antônio de Abreu, tais denúncias são muito mais impactantes, pois apresentam um sujeito de enunciação consciente do seu papel social, seja na voz das personagens escravizadas, seja na voz da narradora, um sujeito de enunciação que opta pela afronta, a partir da literatura, a uma sociedade que impedia e restringia o direito às liberdades (ABREU, 2013, p. 120).

Importante destacar a opção estética da estrutura textual da autora, a importância que ela incorpora a cada personagem se destacando na forma como seu texto flui entre primeira e terceira pessoa, além de uma constante voz de um narrador onisciente, que permite a pessoa que lê o olhar mais profundo sobre as perspectivas dos personagens, seus pensamentos e emoções. Maria Firmina dos Reis se importa em evidenciar a realidade dos seus personagens,

sem fantasiar completamente a vida, ela é fiel a todos, lhes oferecendo escuta e justificativas a serem apreciadas pelo/a leitor/a, se este/a as levará em consideração ou não é um fator que o/a mesmo/a decidirá com a leitura. A forma de escrita de Firmina é fluida e poética com uma generosa dose de realidade histórica e sinceridade dos personagens mais humanos.

1.3 Úrsula, a primeira voz.

Úrsula é supostamente a protagonista perfeita do romantismo, vista sempre com um ar angelical, a imagem da pureza, beleza e bondade, e de fato se trata de uma personagem com caráter digno e bom, sempre preocupada com o seu próximo e disposta a deixar suas próprias necessidades e sentimentos em segundo plano para cuidar daqueles que a necessitam, como é retratado no recorte do terceiro capítulo em relação ao desvelo que sentia pela mãe doente:

Dias inteiros estava à cabeceira do leito de sua mãe, procurando com ternura roubar à pobre senhora os momentos de angustiada aflição; mas tudo em vão porque seu mal progredia, e a morte se lhe aproximava a passo lento e impassível, porém firme e invariável (REIS, 2018, p. 43).

Em toda a trama, a jovem é ressaltada por sua beleza e bondade, a constante preocupação com sua mãe, que era paralítica e vivia constantemente doente, lhe empregando mais as características de paciente e dedicada. O que justifica o amor profundo e a admiração que Tancredo desenvolve pela personagem, logo no primeiro momento, o que é mais um clássico das características da literatura romântica da época:

Bela como o primeiro raio de esperança, transpunha ela a essa hora mágica da noite o lumiar da porta, em cuja câmara debatia-se entre dores e violenta febre o pobre enfermo. Era tão caridosa...tão bela... e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhes escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos. Úrsula, com a timidez da corça vinha desempenhar à cabeceira desse leito de dores os cuidados que exigia o penoso estado do desconhecido (REIS, 2018, p. 40).

Apesar de toda a sua virtude – talvez por conta justamente dela - a jovem sofre durante toda a trama pela constante perseguição e maquinação do Tio, o Comendador Fernando, que foi o assassino do pai da protagonista, responsável por deixar a mesma e a mãe em situação financeira muito complicada. O objetivo do vilão era encurralar a personagem o suficiente para que ela se visse obrigada a aceitar a sua proposta, se tornando sua esposa. No seu sentimento obsessivo e mal, o homem a via como parte de suas posses, um direito seu ao qual não abriria mão:

— Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei?!... Muito ódio tive ao homem que foi teu pai: ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito. Odiei-lhe as cinzas; sim odiei-as até hoje; mas triunfaste do meu coração; confesso-me vencido, amo-te! Humilhei-me ante uma criança, que desdenhou-me e parece detestar-me! Hás de amar-me (REIS 2018, p.80).

Nesse sentido, se destaca a caminhada dessa personagem, nele Maria Firmina dos Reis constrói um diálogo com a realidade da época, onde um dos principais temas era a escolha da mulher e com quem se relacionaria. Na sociedade da época, marcada pelos ditames do patriarcado, quem decidia o caminho que a mulher deveria tomar era o homem, o chefe da família. No caso de Úrsula, se tratava do seu vilão. O que leva a reflexão sobre gênero que faz Saffioti (2004), quando aponta que gênero não se restringe a uma categoria analítica, porque também é histórica. O conceito de gênero não implica desigualdade e poder, nem evidencia a parte oprimida. A desigualdade entre os gêneros é refletida nas relações desiguais, sejam no trabalho, em casa ou na sociedade como um todo. Saffioti (1994) também aponta que as diferenças entre homens e mulheres devem ser entendidas como fruto de uma convivência social mediada pela cultura e não como naturais. O que nos permite compreender o quanto a sociedade da época influenciava e aprovava comportamentos como os de Fernando P. e diminuía o direito da figura feminina de escolha.

Contudo, mesmo quando Úrsula aparece como uma figura angelical, indefesa, a docilidade que precisa de apoio e proteção – como é afirmado diversas vezes pela visão que os outros personagens projetam dela – existe muito mais no caráter da personagem. E isso se prova exatamente quando ela transgredir os valores impostos às mulheres da época, se recusando a casar com o comendador. Além disso, por diversas vezes, a jovem mostra uma firmeza de pensamento e de atitude, quando distancia todos os avanços do homem indesejado, com palavras de um pensamento cortante, e uma atitude corajosa, principalmente quando se analisa a situação da jovem e a maneira como ela foi criada e ensinada na sociedade.

Uma palavra?! Aguardais uma palavra minha? Pois bem! Abusastes por demais da minha fraqueza. Estou só, o lugar é ermo, tudo vos protege, e vos anima. Se fôsseis mais cavalheiro, serieis comedido em expressões, que sempre foram tidas por ofensivas quando ditas por estranhos, e nunca chegaríeis a uma impertinência tão desagradável (REIS, 2018, p.79).

É importante que a personagem seja vista além da imagem da heroína romântica, para que se compreenda o quanto de força e tenacidade existe em sua raiz. Para a época, pequenos fatos, gestos e falas podem ser considerados como um movimento de revolta, o início de uma

revolução. Úrsula foi criada para ser mais do que a imagem de uma jovem dama indefesa, ela era uma voz de anseio pela liberdade. Como menciona Juliano Carrupt Nascimento:

As personagens femininas representam o olhar crítico da narradora acerca das condições em que vivia a mulher durante o século XIX, no Brasil. Observa-se que há a apreensão de vários aspectos da dimensão mulher/sociedade que são discutidos de maneira muito séria, [...] (NASCIMENTO, 2009, p. 63).

Maria Firmina desenvolveu suas personagens da observação e da vivência como parte daquela sociedade, ela compreendia a posição em que as mulheres estavam e que suas vozes eram silenciadas e menosprezadas, independente da camada social que ocupassem. Por essa razão, ao estudar a máscara que compõe a persona de Úrsula, se necessita cuidado para não resumi-la a imagem da graciosa dama indefesa e bela, mesmo que de fato a personagem possua todas essas características, elas não anulam a força que também a compõe quando cuida sozinha de sua mãe doente – fazendo o mesmo por quem necessita –, quando se coloca em segundo plano para não desmoronar, no momento em que luta pela liberdade de escolher a quem amar, se apoderando de uma imagem individual, recusando-se a ser um objeto manejado pelas decisões dos homens. Úrsula é a persona da primeira voz, a qual se destaca pela busca da liberdade de amar. A firmeza de seu caráter volta a aparecer no leito de morte de sua mãe, quando mesmo em frente a dor, a donzela mantém sua decisão, negando-se a entregar-se ao comendador;

Fernando voltará aqui com um sacerdote, que há de abençoar, em presença deste leito de agonia, a união forçada da filha de Paulo B. com o seu assassino! — Oh! Não...nunca! Nunca! — bradou a donzela fora de si. — Sim, nunca — replicou a pobre moribunda aproveitando suas últimas forças (REIS, 2018, p. 89).

1.4 Susana, a segunda voz

Em uma sociedade na qual os escravizados eram tratados como uma propriedade, Maria Firmina dos Reis é a autora que os humaniza, que ressoa a sua voz e pensamento, negando a ordem dominante da época. Mãe Susana, Preta Susana ou Velha Susana – Dependendo do narrador que se referia a ela. A personagem se trata da segunda voz presente nesta análise, sendo uma mulher africana que cuida de Úrsula e de Luiza B. Sua participação no romance se caracteriza pela voz de memórias. No capítulo dedicado a ela, a personagem percorre todas as memórias desde sua vida na África, seus familiares, todos os horrores do tráfico de escravizados – a brutal viagem marítima que fez desde a costa da África até o Brasil – até sua chegada à casa de Úrsula, depois de ser comprada pelo Comendador Fernando. Firmina, por meio de Susana,

dá início a um projeto artístico que agrega arte e abolicionismo, uma iniciativa que mostrava através de sua arte as verdades que ficavam esquecidas, escondidas da sociedade literária. Na obra de Maria Firmina dos Reis está presente essa virada da pessoa negra na literatura, uma passagem da pessoa negra como objeto para a pessoa negra como sujeito, o que faz a pessoa negra ascender como referência moral da narrativa (DUARTE, 2013).

A narrativa de Susana é a visão de uma mulher que sofre com as dores da escravidão, lembrando de sua liberdade e da felicidade que já vivera antes de ser aprisionada. Ela fala vividamente sobre o sentimento de dor e perda por ser arrancada de sua nação, de seu povo, de sua família – Esposo e filha – com a fala de Susana, a autora quebra estereótipos vendidos na sociedade da época sobre os negros, sobre maldade, violência e ignorância, conforme podemos observar no trecho destacado abaixo:

- [...] Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade. [...] - Tu! Tu livre? Ah, não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. – Meu filho, tu és já livre?... [...] - [...] Liberdade! Liberdade...Ah! Eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura. – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração [...] (REIS, 2018, p. 68-69).

Completamente oposta a ideia dos negros como “bárbaros”, Susana fala de uma mulher que vivia uma vida simples, que era feliz e amada, e mesmo em seu estado cativo e depois de dolorosas perdas, se trata de uma personagem sábia e convicta. Na perspectiva de Susana, bárbaros, eram os colonizadores, o homem branco com seus valores distorcidos, como ela aponta no trecho:

- (...) E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p. 70).

Uma personagem que entende como nenhum outro o profundo significado de liberdade, porque ela já a teve. De opiniões fortes, assim como seus pensamentos nunca se distanciaram do que realmente acreditava e valorizava, ela os compartilha no intuito de fazer com que Túlio entenda do que ela acredita que ele está abrindo mão. Com suas falas, e gestos, ela tenta cuidar daqueles que lhe são queridos, mesmo da sua posição pouco favorecida.

Destaca-se nessa análise a importância das memórias de Susana, não apenas por serem relatos fiéis que conscientizam o/a leitor/a da sua realidade e dos seus sentimentos, mas também

porque é através delas que a personagem mantém sua identidade, a da mulher que um dia foi livre, a que guarda em si tudo o que amou, são essas lembranças que não deixam que aquela mulher se quebre perante toda a crueldade e dor que vivência, que não permitem que sua existência se limite aquele cativo, e lhe proporcionam a sabedoria que alimenta cada linha dos seus diálogos e das narrativas direcionadas a ela, suas memórias vão além de relatos de vivências, são esperança e recortes de verdadeira felicidade e liberdade.

Susana é uma personagem que sofre, todas as dores da mulher negra, que não se trata de uma dor apenas individual, mas coletiva, a consequência da colonização, da escravidão e de todos os meios que foram usados para o extermínio do povo negro. Por mais que em toda a narrativa se possa sentir sua dor, ou perceber o quão forte aquela mulher foi moldada a ser, não se deve chegar a um estereótipo de Susana, resumi-la a um padrão comum que aplicam às mulheres negras, que ela aguenta a dor, que é uma guerreira, a ideia de uma força tamanha desumaniza a mulher, a objetifica e tira dela a capacidade de sofrimento e dor comum a todo o ser humano.

— Meu marido, minha filha, minha terra... Minha liberdade... E depois ela calou-se, e as lágrimas, que lhe banhavam o rosto rugoso, gotejaram na terra. (...)A velha sentiu-o, e duas lágrimas de sincero enternecimento desceram-lhe pela face: ergueu então seus olhos vermelhos de pranto, e arrancou a mão com brandura e elevando-a sobre a cabeça do jovem negro, disse-lhe tocada de gratidão: — Vai, meu filho! Que o Senhor guie os teus passos, e te abençoe, como eu te abençoo. (REIS, 2018, p.72)

Como destaca Grada Kilomba (2019, p. 28), "escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor 'validada/o' e 'legitimada/o, e ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada'", isso marca que a escrita de Maria Firmina se mostra como uma tomada de posição frente às violências de gênero e raça legitimadas pelo colonialismo e pelo patriarcalismo característicos da época.

Maria Firmina se torna ainda mais transgressora por trazer em sua obra, não apenas denúncias sobre o patriarcado e a escravidão, não apenas por fazer ressoar a voz daquelas e daqueles que foram historicamente silenciados/as, mas também por trazer em sua obra a personagem negra que fala de suas dores, que chora e sente saudade, que traz as suas memórias com apreço que se tem ao amado. De maneira estratégica, Firmina oferece escuta às dores de Susana que tem o direito à voz para falar dos que amou e perdeu – e com a sabedoria que foi alimentada por sua vivência, seus relatos em primeira pessoa sobre a travessia, sobre o cativo

e dor são as linhas escritas apontando esse tema que era um tabu para a grande elite literária. Apresentando o rompimento do silêncio das personagens femininas, principalmente negras.

O silêncio das mulheres corresponde, acima de tudo, à ausência da voz feminina das estruturas de poder e dos discursos da cultura hegemônica. A voz das mulheres está muitas vezes ausente dos mais prestigiados registros linguísticos – como o cerimonial religioso, a retórica política, o discurso legal ou científico, a poesia -, sendo a sua voz silenciada quer por tabus ou restrições sociais, quer pelo costume e pela prática (CAMERON, 2002, s/p).

Susana é a segunda voz, a quebra do silêncio das mulheres negras, dos escravizados, a perspectiva de saudade, amor e dor. A personagem que mantém suas convicções até o fim, que abraça a sua dor e a reconhece, não de uma forma comiserativa, mas como algo que faz parte de sua vivência, ela se trata da personificação por uma liberdade de ser, a liberdade de ser dona da sua existência, de tê-la reconhecida, respeitada e humanizada. A sociedade capitalista e racista brutaliza a mulher negra e despersonifica, tanto no passado como na atualidade. Como aponta bell hooks:

[...] Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas 'só corpo, sem mente'. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era uma exemplificação prática da ideia de que as 'mulheres desregradas' deveriam ser controladas. Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a encarnação perfeita de um erotismo primitivo e desenfreado (HOOKS, 1995, p. 469)

Susana, personagem negra escravizada construída por outra mulher negra, é colocada em cena desfazendo todos esses estereótipos denunciados por bell hooks, e ressignificando a existência das mulheres negras para além do lugar da dor, sexualização e objetificação, reproduzida pela literatura canônica, assumindo um papel que contribui para a emancipação de outras mulheres, negras e não negras, tornando-se protagonista de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho se buscou apresentar a realidade da literatura e da cultura brasileira em relação à presença do negro e da temática da escravidão, como raramente estes eram inseridos na composição das obras, e todo o percurso de luta que se teve até chegar a esse ponto de reconhecimento. Apenas compreendendo esses fatos e os eventos e perspectivas da época se

pode perceber o caminho difícil que a autora estudada percorreu até ser capaz de publicar a sua obra.

Maria Firmina dos Reis, traz em *Úrsula* as principais contradições da sociedade brasileira, num contexto romântico, porém com o objetivo de destacar os temas que mereciam ser discutidos na roda da sociedade: a escravidão, o abolicionismo e a crítica ao patriarcado são todos temas que se encontram entrelaçados na narrativa de um romance que apesar de suas características primárias do romantismo, foge completamente do padrão estabelecido nos trabalhos literários românticos de oitocentos. Pela primeira vez, se é abordada a perspectiva feminina diferente do silenciamento e obediência, e as personagens femininas são ouvidas, não se resumindo a um conjunto perfeito da perspectiva do patriarcado. As mulheres nessa obra não resumiam seus papéis a mãe e esposa perfeita, na obra de Firmina, a figura feminina é construída pelos seus desejos e anseios, pela sua dor e lembranças. Maria Firmina dos Reis foi pioneira em trazer a imagem do negro humanizado, rompendo com toda ideia de bestialidade que atribuíam a estes, na sua literatura os escravizados foram ouvidos, se apontou a crueldade e maldade das atitudes dos colonizadores, uma denúncia clara ao tratamento desumano dispensado aos negros no Brasil. Em *Úrsula* a autora trabalhou a persona da mulher que supostamente fazia parte daquela sociedade. Nesta obra, a autora se veste com a máscara da personagem escolhida e expõe verdades daquela sociedade, no fim, optando por dar-lhes a liberdade que elas poderiam alcançar.

Enquanto pesquisadora, ao trabalhar essa obra e autora, percebi o quanto o silenciamento ainda está presente no ambiente acadêmico, principalmente das vozes negras, foi doloroso perceber o quão pouco dessa literatura conheço, a quantidade de autoras que ainda não possuem o reconhecimento merecido por seu trabalho e luta. Também analisei e repensei conceitos e pensamentos próprios, e embora acreditando que na atualidade estamos muito a frente, torcendo para que se avance muito mais. Que se transforme a realidade do Brasil, e que essa nova realidade possa vir de mulheres como a autora trabalhada.

Maria Firmina é uma mulher e autora que lutou com as armas que tinha à disposição para comprovar suas crenças e expor suas opiniões, de uma maneira inteligente e poética ela abriu espaço na literatura para que outros/as pudessem entender os temas discutidos ou também escrever sobre eles, ela usou a arte como uma portadora da verdade. As personagens que se destacaram nessa análise são figuras que ela construiu como representantes dos anseios das mulheres da época e do desejo por liberdade. Mesmo quando as personagens não têm histórias ou vivências parecidas - elas se encontram na caminhada em busca do mesmo, da sua liberdade

por direito-. Estudar o trabalho de Maria Firmina dos Reis foi questionar papéis sociais e conjunto de valores que só serviram para produzirem violência contra as mulheres por séculos. Estudar Firmina é lembrar que todas as pessoas têm direito à voz, é entender a quão preciosa é a liberdade como ser humano e indivíduo. No fim, o profundo anseio de uma estudante para que no futuro sempre existam mulheres intelectuais comprometidas com seus valores e convicções, a frente de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. A. C. D. de. Os abolicionismos na prosa brasileira de Maria Firmino dos Reis a Machado de Assis. Tese de Doutorado (Letras), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.
- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polém, 2019. p 150.
- CAMERON, Deborah. Dicotomias falsas: gramática e polaridade sexual. In: MACEDO, Ana Gabriela (org.). *Gênero, identidade e desejo – Antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Cotovia, Lisboa, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina e os primórdios da ficção Afro-brasileira. In: *Úrsula*. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- EVARISTO, Conceição. África, a Pasárgada de Mãe Susana. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Antofágica, 2021, p. 277-285.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Tradução de Renato deSilveira. Salvador: EDUFBA, 2008
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.
- KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MORAES FILHO, José Nascimento. Maria Firmina dos Reis – fragmentos de uma vida. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.
- MORRISON, Toni. “*Coisas indizíveis não-ditas: A presença afro-americana na literatura americana*”, em A fonte da autoestima: ensaios, discursos, reflexões. SP: Cia das Letras, 2020
- NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O negro e a mulher em Úrsula de Maria Firmina dos Reis*. Rio de Janeiro: Caetés, 2009.
- LOURO, G. L. Mulheres na Sala de aula. In: *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2018.
- REIS, Roberto. *The Pearl Necklace. Toward an Archeology of Brazilian Transition Discourse*. Gainesville: University of Florida Press, 1998.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. Posfácio: Conceituando o Gênero. In: SAFFIOTI, Heleieth In: MUÑOZ-VARGAS, Monica. *Mulher Brasileira é Assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 271-283.
- _____. Gênero, patriarcado e violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravidão indígena e o início da escravidão africana. In.: SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 219.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma História do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 34.